

“ A GRANDE VIRTUDE DESTE BELO ROMANCE
É DAR À GUERRA UMA FORÇA HUMANA. ”

L'Express

adadas

Visas

Dep

Son

1000

EX

AMMIG

Amin Maalouf

OS

DESORIENTADOS

B

BERTRAND BRASIL

Copyright © Éditions Grasset & Fasquelle, 2012

Título original: Les désorientés

Capa: Oporto design

Imagem de capa: © cglade / iStockphoto

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2014

Produzido no Brasil

Cip-Brasil. Catalogação na publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M11d

Maalouf, Amin, 1949-

Os desorientados [recurso eletrônico] / Amin Maalouf ;
tradução Clóvis Marques. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand
Brasil, 2014.

recurso digital

Tradução de: Les désorientés

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-286-1967-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção libanesa. 2. Livros eletrônicos. I. Marques,
Clóvis, 1951-. II. Título.

14-16270

CDD: 892.73

CDU: 821.411.21-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2º. andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ — Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21)
2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer

Trago no meu nome a humanidade que nasce, mas pertencço a uma humanidade que está morrendo, observava Adam em seu caderno de anotações, dois dias antes do drama.

Eu nunca soube por que meus pais me deram esse nome. No meu país de origem, ele era raro, e não fora dado a ninguém na minha família antes de mim. Um dia perguntei a meu pai, e ele respondeu simplesmente: “É o ancestral de todos nós!”, como se eu não soubesse. Eu tinha 10 anos, e aceitei a explicação. Talvez devesse ter-lhe questionado, enquanto ainda estava vivo, se havia por trás dessa escolha alguma intenção, algum sonho.

Parece-me que sim. Para ele, eu devia pertencer ao bando fundador. Hoje, aos 47 anos, tenho de reconhecer que minha missão não será cumprida. Não serei o primeiro de uma linhagem, mas o último, o último dos últimos entre os meus, depositário de suas tristezas acumuladas, de suas desilusões e vergonhas. Cabe a mim a horrível tarefa de reconhecer aqueles que amei, e então assentir com a cabeça para que cubram os corpos com o lençol.

Eu sou o encarregado das extinções. E, quando chegar a minha vez, cairei como um tronco, sem ter vergado, e repetindo para quem quiser ouvir: “Sou eu que tenho razão, é a História que está errada!”

Esse absurdo grito de orgulho ressoa constantemente na minha cabeça. E, por sinal, poderia servir de legenda para a inútil peregrinação que venho fazendo há dez dias.

Ao voltar para minha terra inundada, eu julgava estar salvando alguns vestígios do meu passado e do passado dos meus entes queridos. Nesse terreno, já não espero grande coisa. Quem tenta retardar a submersão corre o risco de apressá-la... Dito isto, não me arrependo de ter feito essa viagem. É verdade que a cada noite redescubro por que me afastei da minha terra

natal; mas também redescubro, a cada manhã, por que nunca me desvinculei dela. Minha grande alegria é ter encontrado, em meio às águas, algumas ilhotas de delicadeza levantina e serena ternura. O que me devolve, pelo menos por enquanto, uma nova vontade de viver, novos motivos para lutar, talvez até um frêmito de esperança.

E mais a longo prazo?

A longo prazo, todos os filhos de Adão e Eva são crianças perdidas.

Primeiro dia

1

Na quinta-feira, ao adormecer, Adam não podia imaginar que no dia seguinte tomaria um avião para o país de suas origens, depois de lustros de afastamento voluntário, e para ir ao encontro de um homem ao qual jurara nunca mais dirigir a palavra.

Mas a mulher de Mourad soubera encontrar palavras incontornáveis:

— Seu amigo vai morrer. Pediu para ver você.

O telefone tocou às cinco horas. Adam o tirara do gancho meio às cegas, pressionando uma das teclas iluminadas e respondendo: “Não, não estava dormindo”, ou alguma outra mentira do gênero.

A interlocutora dissera, então:

— Vou passar para ele.

Ele precisara segurar a respiração para escutar a do moribundo.

E ainda assim, mais que ouvir, tivera de adivinhar suas palavras. A voz distante parecia um débil rumor de tecidos. Adam precisara repetir duas ou três vezes “Com certeza” e “Entendo”, sem nada entender nem estar certo de nada. Quando o outro se calou, disse-lhe um prudente “Até mais!”. Ficara ouvindo por mais alguns segundos para

se certificar de que a esposa não tinha voltado ao aparelho, e depois desligara.

Voltou-se então para Dolorès, sua companheira, que acendera a luz e se sentara na cama, encostada na parede. Ela parecia pesar os prós e os contras, mas já tinha uma opinião formada.

— Seu amigo vai morrer e o chamou, você não pode hesitar, tem de ir.

— Meu amigo? Que amigo? Há vinte anos que não nos falamos!

E de fato, havia muitos anos, toda vez que mencionavam o nome de Mourad em sua presença, perguntando se o conhecia, ele invariavelmente

respondia: “Era um antigo amigo meu.” Muitas vezes achavam que ele quisera dizer um “velho amigo”. Mas Adam não escolhia as palavras impensadamente. Mourad e ele tinham sido amigos e haviam deixado de sê-lo. “Antigo amigo”, portanto, era, do seu ponto de vista, a única expressão adequada.

Normalmente, quando ele recorria a essa expressão em sua presença, Dolorès limitava-se a dar um sorriso compassivo. Mas nessa manhã ela não havia sorrido.

— Se amanhã eu brigasse com minha irmã, será que ela se tornaria minha “antiga” irmã? E meu irmão viraria meu “antigo” irmão?

— Em família é diferente, não temos escolha...

— Neste caso, tampouco você tem escolha. Um amigo de juventude é um irmão adotivo. Você pode se arrepender de tê-lo adotado, mas não pode desadotá-lo.

Adam poderia ter-lhe explicado longamente os motivos pelos quais os vínculos de sangue podem ser considerados de outra natureza. Mas teria entrado em terreno lamacento. Afinal, não havia entre sua companheira e ele um sangue comum. Isto significava que, por mais próximos que tivessem se tornado, poderiam um dia voltar a ser estranhos um ao outro? E que se um deles reivindicasse o outro no leito de morte poderia deparar-se com uma negativa? A pura e simples menção de tal eventualidade teria sido degradante. Ele preferiu se calar.

De qualquer maneira, de nada adiantaria argumentar. Mais cedo ou mais tarde, ele teria de ceder. Certamente tinha mil motivos para ressentir-se em relação a Mourad, de retirar-lhe sua amizade e até, não importando o que dissesse sua companheira, de “desadotá-lo”. Mas esses mil motivos perdiam todo valor à beira da morte. Caso se recusasse a acorrer à cabeceira do antigo amigo, seria perseguido por remorsos até seu último dia.

Tratou então de telefonar à agência de viagens para reservar um lugar no primeiro voo direto — naquele mesmo dia, à tarde, às cinco e meia; chegada às onze da noite. Dificilmente poderia ter-se apressado mais.

Certas pessoas só refletem ao escrever. Era o caso de Adam.

O que, para ele, representava ao mesmo tempo um privilégio e uma doença.

Enquanto as mãos estivessem em repouso, sua mente vagava, incapaz de domar as ideias ou construir um raciocínio. Ele precisava começar a escrever para que seus pensamentos se ordenassem. Para ele, refletir era uma atividade manual.

De certa maneira, Adam tinha os neurônios na ponta dos dedos. Felizmente, estes eram versáteis. Passavam sem maiores problemas da pena ao teclado, da folha à tela. Por isso, ele tinha sempre no bolso um grosso bloco de notas de capa flexível, e na pasta de professor, um computador portátil. Em função do ambiente onde se encontrasse e da natureza do que pretendia escrever, abria um ou outro.

Nesse dia, no início da viagem, foi o bloco de notas. Ele o apanhou, buscou a primeira página em branco e esperou que o sinal luminoso se apagasse para pôr de lado o tablet.

Sexta-feira, 20 de abril

Desde o momento em que o avião decolou, tento me preparar para o que me aguarda, imaginando o que Mourad pode me dizer para se justificar, e como deverei responder; o que teria respondido numa situação normal e o que ainda posso dizer-lhe em seu estado atual; como permitir que ele se vá em paz, sem mentir exageradamente; e como reconfortá-lo sem voltar atrás.

Não estou convencido de que devemos perdoar quem está morrendo. Seria fácil demais se no fim de cada vida humana voltássemos à estaca zero; se a crueldade e a avidez de alguns, a compaixão e a admiração de outros

fossem hipocritamente desconsideradas. Quer dizer que assassinos e vítimas, perseguidores e perseguidos devem ser igualmente tidos como inocentes na hora da morte? Não para mim, com toda certeza. Do meu ponto de vista, a impunidade é tão perversa quanto a injustiça; na verdade, são as duas faces da mesma moeda.

Dizem que nos primeiros séculos da era cristã, quando a nova religião se disseminava pelo Império Romano, certos patrícios davam um jeito de postergar o máximo possível sua conversão. Pois não lhes haviam garantido que na hora do batismo todos os seus pecados eram apagados? Eles prosseguiram, assim, em sua vida de dissipação, aceitando serem batizados apenas no leito de morte.

Não sei se esse tipo de arrependimento tardio tem alguma serventia aos olhos da religião. Para mim, não tem o menor valor. Nem no caso dos romanos antigos nem dos meus contemporâneos.

Mas existe na hora da morte uma obrigação de decência. Esse momento de virada deve preservar alguma dignidade, se quisermos permanecer humanos. E, por sinal, qualquer que seja o julgamento que se faça do moribundo e de seus atos. Sim, ainda que se trate do pior dos criminosos.

O que não é o caso de Mourad, apresso-me a dizer. Não me faltariam motivos para censurá-lo, alguns dos quais bem se parecem crimes, aos meus olhos. Mas devemos evitar excessos de linguagem. Pode acontecer de um homem cometer um crime sem que por isso mereça ser chamado de criminoso. Assim como me insurjo contra a impunidade, também me recuso a nivelar todo e qualquer mal feito, abstraindo intenções, alcance e circunstâncias. Sem chegar propriamente a absolver, estas podem ser, como dizem as leis, “atenuantes”.

Não tenho a menor dúvida de que o comportamento do meu antigo amigo durante os anos de guerra constitui uma traição dos valores que tínhamos em comum, e espero que ele não venha tentar negá-lo. Mas não foi sua fidelidade que o levou a trair? Por apego ao seu país, ele se recusou a se engajar no início do conflito. Tendo permanecido, teve de encontrar certos arranjos, aceitar ao longo dos acontecimentos compromissos que haveriam de levá-lo ao inaceitável. Se eu tivesse ficado no país, talvez tivesse me comportado como ele. De longe, podemos dizer impunemente que não; in loco, nem sempre temos esta liberdade.

Suas qualidades, em suma, foram a sua perda; e as minhas faltas me salvaram. Para proteger os seus, preservar o que lhe havia sido legado pelos pais, ele lutou como uma fera. Mas não eu. Na família de artistas na qual cresci, não me foram inculcadas as mesmas virtudes. Nem essa coragem física, nem esse mesmo senso do dever, nem a mesma fidelidade. Logo após as primeiras matanças, eu me fui, tratei de escapar; fiquei com as mãos limpas. Meu covarde privilégio de desertor honesto.

Ao se aproximar a aterrissagem, sinto-me ainda mais confuso que na decolagem. Mourad surge diante de mim agora como um personagem menor e desorientado, digno de pena, perdido numa tragédia cujas dimensões o ultrapassam. E embora ainda não me disponha a perdoar seus erros, não culpo menos o resto do universo, nem a mim mesmo.

Vou portanto debruçar-me a sua cabeceira sem ressentimento manifesto, cumprirei junto a ele meu papel de confessor leigo. Vou ouvi-lo, estender-lhe a mão, murmurar palavras de absolvição, para que ele morra com a consciência tranquila.

No aeroporto, não havia ninguém a sua espera. E esse inconveniente banal, que Adam certamente deveria ter previsto, já que não avisara ninguém de sua chegada, provocou-lhe um transbordamento de tristeza e uma confusão mental passageira. Ele precisou fazer um certo esforço para lembrar que acabava de chegar à sua cidade natal, em seu próprio país.

20 de abril, continuação

Passo pela alfândega, apresento meu passaporte, recebo-o de volta e saio, percorrendo a multidão com um olhar de criança abandonada. Ninguém. Ninguém me dirige a palavra, ninguém me espera. Ninguém me reconhece. Vim ao encontro do fantasma de um amigo, e eu mesmo já sou um fantasma.

Um motorista se oferece para me levar. Concordo com o olhar e deixo que ele carregue minha bagagem até o automóvel, um velho Dodge estacionado bem distante da fila oficial. É evidentemente um táxi clandestino, sem placa vermelha nem taxímetro. Eu não me oponho. Normalmente, esse tipo de prática me irrita, mas nessa noite acho graça. Ela me traz à lembrança um ambiente conhecido, reflexos de precaução. Ouço minha própria voz perguntando ao sujeito, em árabe e com sotaque local, quanto custará a corrida. Só para evitar a humilhação de ser confundido com um turista.

No caminho, senti vontade de telefonar a primos, amigos. Já era meia-noite, faltando apenas cinco minutos, mas sei de alguns amigos que não achariam nada de mais e me teriam convidado insistentemente a me hospedar em sua casa. No fim das contas, não telefonei a ninguém. Senti de repente o desejo de ficar só, anônimo, meio clandestino.

Essa nova sensação começa a me agradar. Incógnito no meu país, entre os meus, na cidade onde cresci.

Meu quarto de hotel é espaçoso, os lençóis estão limpos, mas a rua é barulhenta, mesmo a esta hora. Ouve-se também o ronco atordoante de um ar-condicionado que não teve coragem de desligar, com medo de acordar completamente suado. Não creio que o barulho me impeça de dormir. O dia foi longo, logo meu corpo estará amortecido, e minha mente também.

Sentado na cama, à luz apenas do abajur de cabeceira, não paro de pensar em Mourad. Tento imaginá-lo tal como deve ser atualmente. Da última vez que estivemos juntos, ele tinha 24 anos, e eu, 22. Na minha lembrança, ele era próspero, predador, vociferante. Mas desde então a doença certamente o terá alquebrado. Vejo-o agora em sua velha casa de família na aldeia, sentado numa cadeira de doente, o rosto lívido, com uma manta nos joelhos. Mas talvez esteja no hospital, numa cama metálica, cheio de tubos, com aparelhos piscando e ataduras; tendo bem ao lado a cadeira onde me convidará a sentar.

Amanhã vou saber.

Segundo dia

1

A mulher de Mourad telefonou de madrugada para o celular de Adam. Pensando que ele ainda estivesse em Paris, disse-lhe secamente, sem qualquer preparação, sem mesmo um alô inicial:

— Ele não aguentou esperar.

O quarto ainda estava escuro. Adam deixou escapar um palavrão baixinho. E então contou-lhe que estava na cidade desde a véspera, atendendo ao pedido para vir ao seu encontro.

Mas ela repetiu, no mesmo impulso:

— Ele não aguentou esperar.

A mesma frase, com todas as palavras. Mas num tom diferente. Dessa vez, sem recriminação. Tristeza, raiva, e talvez um imperceptível fundo de gratidão a Adam. Ele balbuciou uma fórmula de cortesia.

Seguiram-se alguns segundos de silêncio, dos dois lados da linha. E então a viúva disse simplesmente “Obrigada”, como se respondesse polidamente aos seus pêsames. Perguntou então onde ele estava hospedado.

— Vou mandar-lhe um automóvel. Você não pode chegar assim, sozinho.

Adam não se opôs. Sabia perfeitamente que não era mais capaz de se orientar nessa cidade de ruas sem placas, sem números, sem calçadas, onde os bairros tinham nomes de prédios, e os prédios, os nomes de seus proprietários...

Sábado, 21 de abril

Tania já está de preto. Mourad repousa calmamente debaixo do lençol sem dobras, com algodão nas narinas. Ocupa sozinho toda uma ala: dois quartos contíguos, um salão, uma varanda. A clínica é de mármore e

cânfora. Lugar para morrer como um cão de raça.

Estou de pé ao lado da cama, e não choro. Inclino a cabeça diante do cadáver, fecho os olhos, fico parado, espero. Supostamente estaria meditando, mas me sinto vazio. Mais tarde meditarei, invocarei as lembranças de nossa falecida amizade, esforçando-me para imaginar o Mourad de antes. Mas agora, diante do cadáver, nada.

Ouvindo passos atrás de mim, aproveito para ceder o lugar. Dirijo-me para Tania, abraço-a brevemente. E então vou-me sentar no salão. Que não é realmente um salão. Três poltronas de couro marrom, três cadeiras dobráveis, uma máquina de café, garrafas de água mineral, um aparelho de televisão sem som. Mas ainda assim, um luxo, numa clínica. Lá já se encontram quatro mulheres de preto e um velho malbarbeado. Não os conheço. Saudando-os com um gesto da cabeça, eu caio na única cadeira vazia. Ainda não estou meditando, nem penso em nada. Tento apenas forjar uma expressão circunstancial.

Quando chegam outras pessoas, parecendo em delegação, levanto-me, passo novamente diante do corpo e de novo abraço Tania, murmurando: “Até mais.” Saio da clínica apressando o passo, como se houvesse uma matilha no meu encalço.

É na rua, solitário em meio aos transeuntes, tranquilo no tumulto, que meus pensamentos finalmente se voltam para aquele que deixei no leito de morte.

Pedaços de conversas me voltam, risos, imagens. Caminhando sempre em frente, penso em mil coisas dispersas sem me deter em nenhuma delas. A buzina de um táxi me traz de volta à realidade. Faço que sim com a cabeça, abro a porta, digo o nome do meu hotel. O homem dirige-se a mim em inglês, o que ao mesmo tempo me faz sorrir e me irrita. Eu respondo na sua língua, que é minha língua natal, mas provavelmente com um certo sotaque. Para se desculpar por ter ferido meu amor-próprio de emigrante, ele começa a se queixar do país e seus dirigentes, enveredando por um vibrante elogio dos que tiveram a inteligência de ir embora.

Adam limita-se a sacudir polidamente a cabeça. Em outras circunstâncias,

teria participado da conversa, pois o tema não lhe é indiferente. Mas agora só pensa em ficar sozinho, sozinho em seu quarto, sozinho com suas lembranças daquele que não falará mais.

Assim que chega, ele se deita na cama e fica por um bom momento de barriga para cima. Até que se levanta, lança mão de seu bloco de notas, rabisca algumas linhas e o inverte, como se quisesse inaugurar, pelo outro lado, um outro bloco de notas completamente novo.

Na nova página em branco, bem no alto, no lugar onde costuma anotar a data, ele escreve “*In memoriam*”, como inscrição preliminar, ou talvez como uma oração. Mais nada. E passa para a página seguinte.

Mourad, o amigo desadotado.

Nós fomos separados pela morte, sem que pudéssemos nos reconciliar. É um pouco culpa minha, um pouco dele, e também culpa da morte. Nós acabávamos de começar a restabelecer os vínculos quando ela de repente o calou.

Mas, em certo sentido, a reconciliação ocorreu. Ele quis me ver de novo, eu tomei o primeiro avião, a morte chegou antes de mim. Pensando bem, talvez tenha sido melhor assim. A morte tem lá sua sabedoria. Às vezes devíamos confiar mais nela do que em nós mesmos. O que poderia ter-me dito o antigo amigo? Mentiras, verdades travestidas. E eu, para não ser impiedoso com um moribundo, teria fingido acreditar nele e perdoá-lo.

Em tais condições, que valor teria tido nosso reencontro tardio e nossa recíproca absolvição? Para dizer a verdade, nenhum.

O que afinal aconteceu parece-me mais decente, mais digno. Em suas últimas horas, Mourad sentiu necessidade de me ver; eu prontamente acorri; e ele prontamente morreu. Existe aí uma certa elegância moral que honra nossa amizade passada. E eu me satisfaço com esse epílogo.

Mais tarde, se é que existe uma vida além-túmulo, teremos tempo de nos entender de homem para homem. E se houver apenas o vazio, nossas brigas de mortais já não terão muita importância de qualquer maneira.

Neste dia em que ele morreu, que posso fazer por ele? Só o que recomenda a decência: evocar serenamente sua lembrança, sem condená-lo

nem absolvê-lo.

Nós não éramos amigos de infância. Crescemos no mesmo país, no mesmo bairro, mas não no mesmo meio. Só nos conhecemos na universidade, já nos primeiros dias do primeiro ano.

No início de nossa amizade, houve aquela noite. Éramos, creio, cerca de quinze, os rapazes em número um pouco maior que as moças. Se tivesse de fazer a lista de memória, eu certamente esqueceria alguns. Havia ele e eu; e Tania, naturalmente, já então Tania, que ainda não era sua mulher, mas logo viria a ser; havia Albert, Naïm, Bilal e a bela Sémi; havia Ramzi e Ramez, que chamávamos de “sócios”, “inseparáveis” ou simplesmente “os dois Ramz”... Estávamos começando a vida estudantil, com um copo na mão,

a rebelião no coração, e julgávamos entrar na vida adulta. O mais velho de nós ia pelos 23 anos; aos 17 anos e meio, eu era o mais jovem; Mourad tinha dois anos a mais.

Era outubro de 1971, na varanda de sua casa, uma imensa varanda de onde durante o dia se podia ver o mar, e à noite, as cintilações da cidade. Lembro-me ainda do olhar que ele tinha nessa noite — maravilhado, satisfeito. Essa casa lhe pertencia, e antes dele pertencera a seu pai, a seu avô, a seu bisavô, e mesmo a antepassados anteriores, pois a construção remontava ao início do século XVIII.

Minha família também tinha uma bela casa na montanha. Para os meus, contudo, era um lar, e um manifesto arquitetônico; para os dele, era uma pátria. Nela, Mourad sempre sentira uma espécie de plenitude, a plenitude dos homens que sabem que um país lhes pertence.

De minha parte, desde os 13 anos, sempre me senti um convidado, onde quer que fosse. Muitas vezes recebido de braços abertos, às vezes simplesmente tolerado, mas em lugar nenhum um habitante de pleno direito. Constantemente diferente, mal-adaptado — meu nome, meu olhar, meu aspecto, meu sotaque, meus vínculos reais ou supostos. Incuravelmente estrangeiro. Na terra natal e também, mais tarde, nas terras de exílio.

Em dado momento, naquela noite, Mourad levantou a voz, enquanto continuava a olhar ao longe.

— Vocês são meus melhores amigos. A partir de agora, essa casa é de vocês. Pelo resto da vida!

E vieram os risos e as piadas, mas apenas para esconder a emoção. Em seguida, ele ergueu o copo, fazendo tilintarem as pedras de gelo. Nós repetimos, fazendo eco: “Pelo resto da vida!” Alguns a plenos pulmões, outros num murmúrio. E então sorvemos nossas bebidas.

Eu tinha os olhos marejados. Lembrando-me hoje, não consigo evitar que voltem a se marejar. De emoção, de saudade, de tristeza, de raiva. Aquele momento de fraternidade terá sido o mais belo da minha vida. Depois, veio a guerra. Nenhuma casa ou reminiscência ficou intacta. Tudo se corrompeu: a amizade, o amor, a dedicação, o parentesco, a confiança e a fidelidade. E também a morte. Sim, hoje, a própria morte me parece conspurcada, desnaturada.

Não paro de dizer “naquela noite”. É apenas uma simplificação cômoda. Na época em que nos conhecemos, houve inúmeras noites, que hoje se confundem em minha memória numa só. Parece-me às vezes que estávamos constantemente juntos, como uma horda cabeluda, fazendo apenas breves paradas em nossas respectivas famílias. Não era realmente o caso, mas foi a impressão que me ficou. Provavelmente porque vivíamos juntos os momentos intensos, os grandes acontecimentos. Para celebrar, para nos indignar e, sobretudo, para discutir uns com os outros a seu respeito. Meu Deus, como gostávamos de debater, de argumentar! Quanta gritaria! Quanta disputa! Mas eram disputas nobres. Acreditávamos sinceramente que nossas ideias podiam influenciar o curso dos acontecimentos.

Na faculdade, para zombar do nosso constante detalhismo, nos colocaram o apelido de “Bizantinos”, de conotação depreciativa; e nós, por provocação, o tínhamos adotado. Pensamos até em fundar uma “fraternidade” com esse nome. Tivemos intermináveis discussões a respeito, de tal maneira que ela não chegou a ser criada, vítima, justamente, do nosso “bizantinismo”. Alguns de nós pensávamos em transformar nosso grupo num cenáculo literário; outros sonhavam com um movimento político, a ser iniciado entre os estudantes para, em seguida, disseminar-se pela sociedade; outros ainda alimentavam

a ideia sedutora exemplificada por Balzac em sua História dos Treze, segundo a qual amigos pouco numerosos, mas dedicados a causas comuns, dotados de uma ambição comum, um punhado de amigos corajosos, competentes e sobretudo indissociavelmente ligados poderiam mudar a face do mundo. Eu mesmo não estava longe de pensar assim. Para dizer a verdade, ainda hoje acontece-me às vezes de nutrir essa ilusão infantil. Mas onde diabos encontrar um bando assim? Por mais que se procure, este planeta está vazio.

No fim das contas, nosso bando de amigos não se transformou em fraternidade, nem em cenáculo, nem em partido, nem em sociedade secreta. Nossos encontros continuaram sendo informais, abertos, regados a álcool, enfumaçados, turbulentos. E sem qualquer hierarquia, embora quase sempre nos encontrássemos por iniciativa de Mourad. Geralmente em sua residência na aldeia, na varanda de sua velha casa.

Daquele lugar suspenso entre o litoral e a montanha, haveríamos de assistir ao fim do mundo. “Do mundo”? Do nosso mundo, pelo menos, do nosso país, tal como o conhecíamos. E ousou dizer: de nossa civilização. Da civilização levantina. Expressão que provoca um sorriso nos ignorantes e um ranger de dentes entre os adeptos das barbáries triunfantes, das tribos arrogantes que se enfrentam em nome do Deus único, e que não conhecem pior adversário que nossas identidades sutis.

Meus amigos pertenciam a todas as confissões, e cada um deles se sentia na obrigação de zombar da sua própria, como uma espécie de vaidade, para depois gentilmente fazer o mesmo com a dos outros. Nós éramos o esboço do futuro, mas o futuro terá ficado em estado de esboço. Cada um de nós se deixaria levar de volta, muito bem-guardado, ao cercado de sua religião obrigatória. Nós nos proclamávamos voltairianos, camusianos, sartrianos, nietzschianos ou surrealistas, mas voltamos a ser cristãos, muçulmanos ou judeus, obedecendo a denominações precisas, a um martirológio abundante e às piedosas aversões acompanhantes.

Nós éramos jovens, era a aurora da nossa vida, mas já era também o

crepúsculo. A guerra se aproximava. Vinha rastejando em nossa direção, como uma nuvem radioativa; não dava mais para contê-la, restava-nos apenas fugir. Alguns de nós nunca quiseram chamá-la pelo nome, mas era de fato uma guerra, a “nossa” guerra, a guerra que teria nosso nome nos livros de história. Para o resto do mundo, um enésimo conflito local; para nós, o dilúvio. Nosso país de mecanismo frágil fazia água, começava a se deteriorar; ao longo das inundações sucessivas, haveríamos de descobrir que dificilmente ele poderia ser consertado.

A partir dali, os anos ficariam ligados a tragédias em nossa memória. E, para nosso círculo de amigos, às sucessivas deserções.

O primeiro a partir foi Naïm, com toda a família: o pai, a mãe, as duas irmãs, a avó. Não eram os últimos judeus do país, mas faziam parte da ínfima minoria que até então quisera permanecer. Os anos 1950 a 1960 tinham assistido a uma surda hemorragia. Gota a gota, sem alarde, a comunidade se desfizera. Alguns foram para Israel, passando por Paris, Istambul, Atenas ou Nicósia; outros escolheram estabelecer-se no Canadá, nos Estados Unidos, na Inglaterra ou na França. Naïm e sua família optaram pelo Brasil. Mas relativamente tarde, em 1973.

Seus pais o fizeram prometer que nada revelaria de seus planos, nem mesmo aos amigos mais próximos, e ele cumpriu a palavra. Nem uma única confidência, sequer a menor alusão.

Ainda na véspera, nosso bando se reunira, como praticamente toda noite, na casa de Mourad e Tania, na aldeia, para beber vinho quente. Era o fim de janeiro, ou o início de fevereiro. A velha casa era glacial. Nós nos havíamos apertado uns contra os outros na pequena sala, em torno de um braseiro.

Discutimos mil coisas, imagino, como em qualquer dos nossos encontros, falando de pessoas das quais gostávamos ou não, dos acontecimentos políticos, de alguns fatos da crônica policial, de um cineasta ou de um romancista morto recentemente... Já não me lembro, é claro, do que afinal alimentava nossa conversa. O certo, em compensação, pois a coisa me impressionava na época e muitas vezes voltei a pensar a respeito desde então, é que em momento algum se falou de emigração, de êxodo nem de separação. Só no dia seguinte à noite, quando soubemos da partida de

Naïm, é que aquela ocasião se nos afigurou retrospectivamente como uma vigília de despedida.

Houve contudo um estranho incidente. Estávamos falando das mais diversas coisas quando, de repente, Tania começou a chorar. Nada do que acabávamos de dizer parecia explicar as lágrimas, e todo mundo, inclusive seu noivo, Mourad, ficou totalmente desarmado. Eu perguntei o que sentia, e ela não foi capaz de responder, de tanto que soluçava. Quando afinal recobrou a calma, disse:

— Nunca mais estaremos todos juntos.

Por quê? Ela não sabia.

— Este sentimento me veio de repente como uma certeza, e eu comecei a chorar.

Para tranquilizá-la, e de certa forma quebrar o sortilégio, Mourad propôs que todos voltássemos a nos encontrar no dia seguinte, no mesmo horário, no mesmo lugar. Ninguém levantou a menor objeção. Eu não seria capaz de jurar que todos sem exceção disseram “até amanhã”, mas estava perfeitamente entendido.

Separamo-nos ao alvorecer. Eu acabava de comprar meu primeiro carro, um Coccinelle cor havana, e coube a mim levar Naïm até em casa. Ele nada me disse dos seus projetos. Mesmo quando ficamos sozinhos, passando por ruas mal-iluminadas e vazias, ele nada disse.

Mais tarde, anos depois, ele me contaria numa carta que seus pais o tinham esperado, naquela noite, cheios de angústia. Temiam que ele tivesse desistido de acompanhá-los para ficar com o bando de amigos, e se perguntavam se deviam viajar sem ele ou adiar a partida para uma outra data. Quando chegou em casa, ninguém da família lhe dirigiu a palavra.

Mas, no fim das contas, ele se fora com os seus, para sempre.

A primeira deserção em nossas fileiras.

Depois dele, foi a vez de Bilal. Uma maneira completamente diferente de partir: a morte.

Quando me dá vontade de amaldiçoar os que pegaram em armas, vem-me a lembrança de Bilal, e sinto-me tentado a fazer uma ou duas exceções.

Ele era um ser puro.

Ninguém pode saber com certeza o que se aloja no fundo de uma alma,

mas eu conheci Bilal de perto, e não creio que me engane. Era um ser perturbado, mas puro, sim, e sem mesquinha.

Havia entre nós amizade, afeto e uma certa cumplicidade; durante alguns meses, ele foi inclusive meu companheiro mais próximo. Um período breve, mas intenso, no qual nos encontrávamos diariamente; ele passava para me apanhar, ou então marcava encontros comigo num café do centro; depois, caminhávamos pelas ruas durante horas, refazendo o mundo.

Falávamos do Vietnã, da guerrilha boliviana, da Guerra Civil Espanhola, da Longa Marcha; não sem alguma inveja, falávamos dos poetas malditos, dos poetas assassinados, de García Lorca, al-Moutanabbi, Puchkin, e também de Nerval e Maiakovski, embora eles próprios se tenham assassinado; e falávamos de nossos amores.

Um dia, fomos surpreendidos por uma tempestade enquanto caminhávamos. Inicialmente, de brincadeira, por bravata juvenil, tentamos fingir indiferença, continuando a caminhar no mesmo passo. Mas em questão de segundos estávamos ensopados. Decidimos então correr, engolindo a vergonha, para nos refugiar num alpendre. Sentamo-nos num friso de pedra. O nome de uma jovem surgira em nossa conversa — uma amiga comum. Falamos a seu respeito com uma cumplicidade e um desnudamento da alma que ainda hoje me perturbam e me fazem tremer os dedos. Depois, ficamos calados por longos minutos, como se quiséssemos deixar aplacar nossa agitação interna. E então Bilal perguntou-me:

— Você não acha que nascemos na época errada?

— E quando é que você queria ter nascido?

— Daqui a cem, duzentos anos. A humanidade está se metamorfoseando, e eu queria saber o que ela vai se tornar.

Sua impaciência de garoto me dava a sensação de ser um velho sábio.

— Você acredita então que existe uma linha de chegada onde pode ficar nos esperando? Sai dessa! Na marcha do tempo, sempre haverá um antes e um depois, onde quer que você esteja, coisas que estarão atrás de você e outras que estarão no horizonte, e que só chegarão a você lentamente, dia após dia. Você não pode abarcar tudo com o mesmo olhar. A menos que seja Deus...

Ouvindo estas palavras, Bilal deu um salto e daqui a pouco estava debaixo da chuva, gritando como um louco:

— Deus! Deus! Que bela profissão!

Oito dias depois dessa conversa, ele desaparecera. Não me telefonava mais, e nenhum de nossos amigos tinha notícias suas. Estávamos todos convencidos de que estaria com a bem-amada.

Uma única vez o encontrei na biblioteca da universidade. Ele fora fazer fotocópias.

— Você desapareceu — recrimei, em voz baixa.

Ele levou um dedo aos lábios.

— Psiiu! Estou treinando! Para ser Deus é preciso ser invisível.

Rimos então juntos pela última vez.

Ele estava tirando cópias de um panfleto ou de um cartaz. Quando me aproximei, tratou de esconder tudo. Eu não insisti. Convidei-o a tomar um café. Ele se esquivou, invocando algum pretexto. Eu não voltaria a vê-lo vivo.

Um dia, no fim de novembro, era dia 30 ou 29, recebo um telefonema de Mourad bem cedo pela manhã.

— Tenho uma má notícia. Uma notícia muito ruim.

Na véspera, ocorrera num subúrbio da capital uma troca de tiros entre dois grupos armados. Esses incidentes tornavam-se cada vez mais frequentes, e nós começávamos a nem lhes dar mais muita importância, exceto quando havia muitas vítimas. Nesse incidente, saíra ferido apenas um homem. Eu o ouvira no rádio, sem prestar maior atenção. Uma notícia entre tantas outras.

O homem envolvido no confronto morrera em virtude dos ferimentos, e era Bilal.

— Você sabia que ele estava na luta armada? — perguntei.

— Não — respondeu-me Mourad —, ele não tinha dito a ninguém. Mas a coisa não me surpreendeu. Nem tampouco a você, suponho...

Eu tive de confessar que, de minha parte, nada soubera, nem suspeitara, nem pressentira. O fato de um dos meus amigos mais próximos, um poeta, um idealista, um sedutor, ter se unido aos milicianos da noite, de metralhadora em punho, para atirar contra o bairro em frente — não,

sinceramente, a coisa nem me passara pela cabeça.

Seis meses depois da morte de Bilal, haveria em nossas fileiras mais uma deserção: a minha.